



APRENDIZAGENS  
PELA PESQUISA  
NO COTIDIANO  
DA ESCOLA



## A ESCUTA E A IMPLEMENTAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FAIXA ETÁRIA ZERO

Estela Maris Siminski<sup>1</sup>

José Carlos Ames<sup>2</sup>

Delícia de ver!  
Delícia de acompanhar!  
Os bebês: cada qual no seu tempo  
cada qual do seu jeito.  
Caixa que acolhe,  
caixa que encanta.  
Caixa que entra na sala e provoca olhares.  
Pano que cobre e descobre  
Pano que sai da caixa e que  
leva quem o acompanha,  
ou com o olhar,  
ou com o próprio corpo.  
Olhar curioso  
Olhar faceiro  
Olhar e olhar de novo.  
Cobre e encobre.  
Esconde e aparece  
Nesse vai-e-vem de descobertas,  
nesse voltar a ver,  
o que se esconde e encanta,  
quem vive e quem vê.  
(Estela Siminski/2022)

O presente relato de experiência vem sendo vivenciado na turma da Faixa Etária Zero dos bebês na Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI Pequeno Polegar no município de Novo Hamburgo/RS. Esta escrita faz parte de uma pesquisa que terá duração de quatro anos, de 2022 a 2025, acompanhando estas crianças no seu percurso em nossa escola no Projeto Corpo e Movimento.

Desde o princípio, com os diferentes profissionais que passaram pelas sessões, os seguintes pontos foram sustentados: a escuta, o silêncio, o tempo, o espaço, os materiais e a metodologia através dos ritos de passagem (LOBO, 2002, p. 144).

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Visuais, Especialista em Coordenação Pedagógica, Professora da Rede Municipal de Ensino na EMEI Pequeno Polegar. E-mail: [estelasiminski@edu.nh.rs.gov.br](mailto:estelasiminski@edu.nh.rs.gov.br)

<sup>2</sup> Graduado em Educação Física, Especialista em Psicomotricidade e Educação Especial, Mestre em Educação. Professor da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, na EMEI Pequeno Polegar. E-mail: [joseames@edu.nh.rs.gov.br](mailto:joseames@edu.nh.rs.gov.br)

As sessões de psicomotricidade relacional, de cunho pedagógico (NEGRINE, 2002, p. 63), estão sendo realizadas todas as quintas-feiras, na Faixa Etária Zero. Os dias da semana do Projeto Corpo e Movimento sofreram alterações por organizações internas na EMEI Pequeno Polegar, mas sempre realizadas uma vez por semana, desde o mês de março de 2022. Os registros foram feitos através de fotos, vídeos e áudios. Nossos objetivos: projetar e reprojeter a ação educativa junto às crianças, honrando-as em suas singularidades e potencializando o avanço dos processos evolutivos.

Os bebês participantes dessa pesquisa foram: Mayander, Gustavo, Luísa, Alícia, Giovana e Biah. Segundo Lapierre (2010, p.39), “nossa atitude não será mais a mesma diante “delas”, ela é determinada pelas reações das crianças à nossa presença corporal e pela análise que delas fazemos no plano simbólico”.

A psicomotricidade vem se constituindo desde o início do século XX, com os estudos da neuropediatria infantil do doutor Dupré, como uma das principais referências nesta área, ao utilizar pela primeira vez, o termo Psicomotricidade em seus estudos sobre síndrome da debilidade motriz e síndrome da debilidade mental. Destes tempos para cá, podemos afirmar que, segundo a autora Adelina Lobo (2002), a psicomotricidade se constitui em três vertentes, sendo elas: Reeducação, Terapia psicomotora e Educação. O Dr. Airton Negrine (2002), reforça estes termos de uma outra forma, afirmando que esse campo de conhecimento é representado por dois eixos: a psicomotricidade funcional e a psicomotricidade relacional. Ambos utilizam a via corporal para os processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança.

Na perspectiva da psicomotricidade relacional, de cunho educativo, tem como pressuposto uma metodologia a ser seguida, durante suas sessões, e que vem caracterizar estas vivências como um ato pedagógico. Faz-se importante afirmar que as práticas que estamos teorizando e vivenciando, no âmbito escolar, têm ênfase nos estudos do Professor Doutor Airton Negrine, o qual trouxe esta metodologia para o Brasil e tem como objetivo, segundo a autora Adelina (2002, p. 140): “O avanço dos processos evolutivos “que devem” ser entendidos como a maturação neurológica numa ampla dimensão das aprendizagens (verbal, mímica, gestual e motora)”.

Esta prática é constituída por ritos de passagem, seguindo uma rotina sistemática e semanal. Esses ritos ocorreram em três etapas diferentes e constituem a estrutura da sessão de psicomotricidade, sendo eles: o ritual de entrada, as vivências corporais e o ritual de saída.

A metodologia está pensada, a intencionalidade pedagógica existe, o espaço é estruturado para tal propósito, mas como colocar em prática com os bebês? Escutar, silenciar, honrar as crianças em suas singularidades.

Quando nos referimos a escutar, significa estar com as crianças no sentido mais intenso, estar atento às suas experiências e ouvir suas teorias. Faz-se necessário um professor sensível e atento aos seus enredos em que as curiosidades e desejos dos meninos e das meninas sinalizam o que deve ser proporcionado a eles, para que possam investigar, experimentar e vivenciar (NOVO HAMBURGO, 2020, p. 50).

Esta foi uma das reflexões iniciais e que nos ajudou muito no percurso deste relato de experiência. Para tais possibilidades, no Caderno 2, p.18, lê-se sobre a postura do professor perante as aprendizagens da criança e sua relação com os processos educativos, onde cria-se “um contexto de bem-estar global de cuidados, em que as crianças se sintam convidadas a descobrir por si, experimentar e aprender nas interações e nas brincadeiras e acessar o patrimônio sócio-histórico”.

No início das manhãs das quartas-feiras, o professor José e a professora Estela recebem as famílias e os bebês na porta da sala referência, já com o som no ambiente de “Mozart para bebês”. A intenção, com a música, é proporcionar um ambiente inicial harmonioso e acolhedor. Estabelecemos como rotina entre os professores tentar ao máximo escutar, observar, gesticular, olhar nos rostinhos, ao invés de falar, o que foi sendo claramente compreendido pelos bebês e pelos adultos envolvidos. Então, agora sem o som de Mozart, iniciamos cantando “Borboletinha, tá na cozinha” (cantiga do repertório cultural brasileiro), no momento em que duas grandes caixas de papelão, cheias de panos (malhas) grandes e coloridos, são trazidas até a sala. Os olhares são cada vez mais atentos e cada bebê, no seu tempo, do seu modo, vai participando dessa modificação do espaço, onde o professor José encobre os brinquedos e objetos (mesas, balanço, cadeirões, cabana, estante...) puxando um pano de cada vez de dentro das caixas. Somente paramos de cantar quando tudo já está coberto e colorido, para então darmos lugar para as interações dos bebês com os outros, consigo mesmo e com os materiais e analisar as descobertas e as brincadeiras, de um movimento livre, que são exploradas e vivenciadas por cada criança com os materiais ofertados. A cada manhã, mais e mais bebês deixavam-se seduzir pela experiência de ver o que estava embaixo, agora escondido? Onde estavam os brinquedos e móveis de sempre? Uns logo engatinhavam para puxar o pano, outros logo iam investigar as caixas, outros já subiam no pano que era arrastado pelo professor dando “carona” nessa brincadeira. A escuta, os risos, os

olhares de uns para com os outros... E puxa o pano e torna a ver aquilo que estava encoberto... Muitas descobertas, muitos risos, muitas palminhas talvez expressando: “viva!”! Também alguns estranhamentos, o choro, a fome, o sono que marcavam o tempo necessário de guardar tudo outra vez, e seguir com os cuidados de atenção pessoal. Assim, íamos novamente cantarolando “Borboletinha” para recolher os panos (que já não estavam mais nos mesmos lugares).

O posicionamento e a convicção dos docentes, em relação à escuta, no início das vivências fez com que a proposta fosse sendo modificada, conforme as crianças nos “falavam”. O tempo, o brincar livre, as interações entre os pares, com os materiais e consigo mesmo, foram sendo modificados através da escuta e das reações das crianças. Para implementar essa metodologia, os bebês foram os responsáveis por nos direcionar. A nós coube escutá-los: disso não temos dúvidas. Ao longo dos meses em que vivenciamos essa experiência, ficou claro para nós, enquanto profissionais da Educação, que toda a prática pode ser comparada a uma roda-viva: um movimento de estudo, uma busca constante, uma experiência vívida que não tem início, meio e fim, mas que gira pela curiosidade e pelo encantamento do olhar, da escuta, do respeito às infâncias, dos Direitos de Aprendizagens e da criança em sua integralidade, vivenciando, explorando, interagindo, convivendo, brincando e potencializando sua corporeidade. Com o decorrer das sessões podemos, em um devir, refletir que os bebês não serão vistos de outra maneira, senão a que eles nos demonstram, em suas atitudes e ações perante cada experiência.

## REFERÊNCIAS

- Lapierre, André; Lapierre, Anne. **O Adulto diante da criança de 0 a 3 anos**. Curitiba: UFPR, 2010.
- LOBO, Adelina Soares. Psicomotricidade: Afinal o que é? In: NEGRINE, Airton. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- NEGRINE, Airton. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul: RS, 2002.
- NEGRINE, Airton. Abordagens psicopedagógicas da psicomotricidade. In: FERNANDES, Jorge Manuel de Azevedo; FILHO, Paulo José Gutierrez. **Psicomotricidade - Abordagens emergentes**. Barueri: São Paulo, 2012.
- NOVO HAMBURGO. Secretaria de Municipal de Educação. **Organização da Ação Pedagógica Educação Infantil: Documento Orientador. Caderno 2**. Novo Hamburgo: RS, 2020.